
PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(RECIFE)**

<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia>

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

**ROMARIZ, DORA DE AMARANTE. ASPECTOS DA VEGETAÇÃO DO BRASIL. 2.
ED. SÃO PAULO, EDIÇÃO DA AUTORA, 1996**

Deivide Benício Soares ¹

1. *Doutorando em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco. Email para contato: deividebenicio@yahoo.com.br*

Resenha recebida em 11/02/2016 e aceito em 20/08/2016

A proposta da autora é constituir uma obra de caráter geral sobre a fitogeografia do Brasil, que possa ser utilizada no ensino da Geografia em aulas do Curso Superior, de Ensino Médio e, até, de Ensino Fundamental, neste último caso, em particular, o professor poderá utilizar as ilustrações em suas aulas, desde que as comente de forma adequada ao nível dos estudantes. Tendo em vista esta finalidade, são utilizados os nomes populares de algumas formações vegetais, tais como cerrado, caatinga, campos, etc., em vez de empregar termos adotados em classificações técnicas especializadas, o que dificultaria a compreensão do assunto para alguns estudantes e outros interessados.

Uma crítica é lançada ainda na introdução, quando a autora afirma que os estudos fitogeográficos não têm alcançado, no Brasil, o mesmo desenvolvimento dos demais ramos da Geografia, embora seja a vegetação um dos elementos mais expressivos na caracterização da paisagem física.

O objetivo de ser útil ao ensino da fitogeografia se materializou na forma de impressão do livro, em pranchas soltas, sem encadernação, o que facilita a observação individual dos mapas e das fotografias que compõem o livro.

O livro apresenta 7 mapas e 52 fotografias ao longo dos sete capítulos do livro. O primeiro mapa ilustra, de modo generalizado, as áreas ocupadas pelas principais formações vegetais do Brasil. Como fixação para identificação das áreas de predominâncias de cada tipo de vegetação, cada uma delas foi destacada nos mapas subsequentes, que iniciam as séries de fotografias relativas à referida formação vegetal. O verso de cada ilustração é ocupado por textos. No caso do verso dos mapas os comentários são de caráter geral, com uma visão global da distribuição das principais formações vegetais do Brasil. No verso das fotografias são

apresentados textos relacionados ao tipo de vegetação focalizado, não se limitando à identificação dos elementos fotografados, mas procurando-se fornecer dados para o melhor conhecimento do assunto em questão.

No primeiro capítulo, intitulado “FORMAÇÕES VEGETAIS DO BRASIL”, é apresentado o mapa do conjunto das formações vegetais existentes no Brasil, com objetivo de dar aos estudantes uma ideia da distribuição geral dos principais tipos de vegetação, mostrando, em linhas gerais, o seu relacionamento com clima e o relevo, utilizando-se uma classificação bastante intuitiva: formações florestais, formações herbáceas (campos), formações complexas (cerrado, caatinga e pantanal) e formações litorâneas.

O segundo capítulo, “FORMAÇÕES FLORESTAIS”, é introduzido pelo mapa de distribuição desse tipo de formação vegetal, o qual é acompanhado por 14 fotografias. Do ponto de vista fisionômico mais geral as florestas são divididas em dois grandes grupos: o das latifoliadas e o das florestas aciculifoliadas, este representado pela mata de araucárias e, aquele, pelos demais tipos de florestas.

A floresta é definida pela autora como um tipo de vegetação caracterizada pela predominância de árvores, quase sempre em densos agrupamentos que constituem uma formação clímax e ocorre sempre que do balanço de água no solo resulte um saldo favorável, tanto por serem abundantes as precipitações (nos climas quentes), quanto por ser fraca a evaporação (nos climas frios). Daí decorre o fato de serem as florestas encontradas desde o equador até elevadas latitudes.

Ao comentar a fotografia 1, de uma localidade nos arredores de Manaus, a autora afirma que a floresta equatorial, também chamada de floresta densa tropical úmida, é o tipo mais higrófilo dentre as demais formações vegetais existentes nos trópicos. Sua estrutura geral apresente, comumente, diversos estratos: arbóreo superior, formado por árvores muito altas (algumas de mais de 40 m), com troncos eretos e copas que não se tocam, com destaque para a castanheira; arbóreo médio, com cerca de 20 a 30 m de altura, com grande número de copas que se interpenetram; arbóreo inferior, arbustivo e herbáceo, acompanhados de numerosos cipós, lianas, epífitas, etc.

A fotografia 2 apresenta o aspecto das “sapopembas”, que são raízes tabulares que servem para dar sustentação às árvores da floresta equatorial que atingem grandes alturas. Estas sapopembas prolongam-se, às vezes, por vários metros em torno da árvore, compensando assim, com seu apoio, a falta de raiz pivotante profunda. Na fotografia 3, por sua vez, é destacada a “mata de igapó”, que representam áreas permanentemente alagadas na floresta

equatorial e se opõe às “matas de várzea”, nas quais as inundações só existem na época das cheias e “matas de terra firme”, as que normalmente não são atingidas pelas enchentes.

A fotografia 4 representa a floresta latifoliada tropical úmida de encosta, que é ligada ao relevo e ocupa quase exclusivamente as escarpas voltadas para o mar. Os paredões abruptos servem de anteparo aos ventos marinhos, carregados de umidade, e provocam-lhes a frequente condensação, que associada a fortes nevoeiros possibilitam uma elevada umidade e a presença de uma pujante floresta, quase tão rica e variada quanto à amazônica, embora suas árvores sejam, em geral, mais baixas, de caules mais grossos e copas mais frondosas.

Na fotografia 5 estão representados os fetos arborescentes, ou samambaias-açu, representantes das pteridófitas, cuja abundância é uma das características da floresta latifoliada tropical. A autora chama a atenção para o fato de estas plantas representarem uma das floras mais antigas, cujo apogeu data do período do período carbonífero, mas que na atualidade está ameaçada pela devastação desenfreada de que são alvo para fins comerciais.

A floresta latifoliada tropical é, na visão da autora, talvez a que maior devastação já sofreu, pois recobria, de início, a área em que a ocupação humana se fez sentir mais intensamente. A fotografia 6 representa a paisagem do norte do Paraná, no trecho recoberto pela terra roxa, onde se encontram espécies consideradas padrão de terra boa (peroba, palmito, figueira branca, guarita, tamboril, etc.), algumas das quais também aparecem na fotografia 7.

As fotografias 8 e 9 representam os Babaçuais, uma das formações florestais latifoliadas. Segundo a autora a palmeira babaçu apresenta sua principal área de ocorrência nas faixas de transição limítrofes da floresta latifoliada equatorial, principalmente nos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins, Goiás e Mato Grosso, geralmente associada a solos mais úmidos, quase sempre localizada em vales, constituindo grandes “manchas”, sendo facilmente identificáveis na paisagem e possuidora de grande importância econômica.

As fotografias 10 e 11 representam os Carnaubais e os Buritizais, respectivamente, que assim como os Babaçuais podem ser inseridos nas formações florestais latifoliadas. De acordo com a autora, os Carnaubais são típicos da paisagem do Nordeste brasileiro, instalando-se em terrenos alagáveis, representando uma das mais belas palmeiras, além de ser preciosa pelo aproveitamento econômico da cera, da palha, da madeira do tronco e dos frutos. Os buritizais, por sua vez, são mais frequentemente encontrados nas grandes áreas de chapadas do Brasil Central (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso), embora também exista no Nordeste, especialmente no Maranhão e Piauí.

As fotografias 12, 13 e 14 representam a floresta aciculifoliada (mata de araucárias ou pinheiral), uma das formações florestais mais típicas, que marcam com sua presença uma grande área do sul do Brasil. Pertencem os pioneiros ao gênero *Araucaria*, sendo a *Araucaria angustifolia*, considerada uma árvore endêmica no Brasil, com sua distribuição ligada ao clima, condicionado pelo relevo e pela altitude. A autora afirma que embora predominem os altos e esbeltos pinheiros, não é este tipo de floresta homogêneo, sendo encontradas diversas espécies arbóreas de menor porte, mas, sem dúvida, a presença das araucárias confere a todo o conjunto sua característica mais marcante.

No terceiro capítulo, “FORMAÇÕES HERBÁCEAS”, é apresentado o mapa com a distribuição desta formação vegetal no Brasil, o qual é acompanhado por 9 fotografias de paisagens denominadas de “campos limpos”, “campos” e “campos serranos”.

Sob a denominação de formações herbáceas estão incluídos os tipos de vegetação que, no Brasil, recebem a designação genérica de campos, caracterizados pela presença de gramíneas cuja altura varia de 10 a 50 cm aproximadamente. Segundo a autora, a presença dos campos acha-se mais relacionada à profundidade em que se encontra o lençol freático do que a existência de um determinado tipo de clima ou de solo, relacionando-se também ao relevo, sendo típicos de áreas de relevo suave.

As fotografias 15, 16 e 17 representam os “campos limpos”, como são considerados, por exemplo, os campos da campanha gaúcha, enquanto que as fotografias 22 e 23 ilustram os “campos” (de vacaria do Mato Grosso do Sul e os campos sujos da Chapada Diamantina), e as 24 e 25 representam os “campos serranos”, denominação sob a qual foram incluídas as áreas em que a altitude e o relevo introduzem modificações no revestimento vegetal, fazendo com que predominem os campos.

O quarto capítulo, “CAATINGA” dá início à abordagem relativa às formações complexas, apresentando um mapa com a localização da área ocupada pela caatinga no Brasil e 10 fotografias através das quais podem ser vistos alguns dos principais aspectos fisionômicos desta formação vegetal complexa.

Em função da extrema heterogeneidade que apresenta esse tipo de vegetação característico do Nordeste brasileiro, a autora o considera um dos mais difíceis de serem definidos, não só pela diversificação fisionômica, mas também pela composição florística. Afirma, porém, que se tomando por base os tipos mais gerais, pode-se dizer que a caatinga é constituída por elementos lenhosos que perdem as folhas na estação seca e que se acham mais ou menos dispersos sobre um solo, em geral, raso e quase sempre pedregoso. Além da perda

total das folhas, que é a característica mais marcante da influência do clima semiárido sobre a caatinga, o reduzido tamanho das folhas, a grande ramificação desde a parte inferior do tronco, a frequência de plantas espinhentas, a presença das suculentas ou crassas, são alguns dos testemunhos da adaptação das plantas aos rigores do clima nordestino.

A foto 24, do município de Soledade, na Paraíba, representa um agrupamento de vários elementos característicos: aroeira, facheiro, catingueira, mandacaru, palmatória-de-espinho e macambiras. Na foto 25, dos arredores de Tucano (BA), e na foto 26, do município de Amargosa (BA) é ressaltado o aspecto espinhento do xiquexique, do mandacaru e do facheiro.

A foto 27, do município de Araripina (PE), ilustra a vegetação da Chapada do Araripe que, assim como em outras elevações do Nordeste, se apresenta diferenciada das catingas que rodeias essas elevações, em função da maior umidade que faz surgir, em alguns casos, uma floresta úmida, a exemplo das matas da Serra Negra de Floresta.

A foto 28, do Alto do Arapuá, entre Açu e Ipanguaçu (RN), ilustra o aspecto da caatinga no período chuvoso, em que todas as plantas conservam sua folhagem e uma abundante cobertura de gramíneas reveste o solo.

A foto 29, entre Cero Corá e Currais Novos (RN), representa a caatinga do Seridó, que representa, segundo a autora, o mais pobre e rarefeito de todos os tipos que podem ser enquadrados na classificação de “caatinga seca e esparsa”, que abrange áreas limítrofes do Rio Grande do Norte e Paraíba, ocorrendo também ao sul de Pernambuco, às margens do médio São Francisco.

As fotos 30 e 31, da Serra de Santana, entre Angicos e Cerro Corá (RN), na visão da autora lembra bastante o tipo de vegetação denominado “chaparral”, muito frequente nas áreas norte-americanas da Califórnia e também em território mexicano ou em áreas do Caribe.

A foto 32, entre Mossoró e Açu (RN), representa a caatinga arbóreo-arbustiva densa que se desenvolve nas áreas de tabuleiro sedimentar e, segundo a autora, se assemelham ao tipo de vegetação do Chaco paraguaio. Já a foto 33, entre Açu e São Rafael (RN), representa uma área em que a caatinga se desenvolve sobre terrenos cristalinos com afloramento rochoso (conhecido como laje) que limita o crescimento das plantas.

No quinto capítulo, “CERRADO”, o mapa desta formação vegetal, também considerada complexa, é acompanhado por 6 fotografias, que retratam paisagens dos estados do Amapá, Maranhão, Goiás e São Paulo.

O cerrado ocupa cerca de 1/5 do território brasileiro, ocorrendo sobretudo nos planaltos do interior. Embora predomine em Goiás e Mato Grosso, estende-se por vários outros estados,

tanto de forma contínua como em “manchas”. Por esse motivo, a autora afirma que não se pode falar numa estreita relação com um determinado tipo de clima, embora em sua área principal predomine o clima tropical, com alternância bem marcada das estações chuvosa e seca. Outros aspectos estão ligados ao cerrado: profundidade do lençol subterrâneo, tipos de solo e natureza das rochas que os originaram e, até, a ação humana.

Na foto 34, do município de Corumbá de Goiás (GO), está representada a paisagem mais característica desse tipo de vegetação, com árvores baixas, de troncos e galhos retorcidos, casca espessa e protegida, e algumas árvores apresentando folhas duras, coriáceas.

A foto 35, do município de Pirenópolis (GO), ressalta a distribuição dos tipos de vegetação em função do relevo e da maior ou menor disponibilidade de água, com uma mata de galeria acompanhando o curso de um rio.

A foto 36, do município de Sorocaba (SP), ilustra o aspecto do cerrado com gramíneas abundantes e altas, em meio a árvores de pequeno porte e muito espaçadas. Aspecto semelhante é ressaltado na foto 37, do município de Franca (SP).

A foto 38, do município de Macapá (AP), representa um cerrado cuja presença, segundo a autora, pode estar relacionada à existência de uma estação seca de cerca de três meses, mas ela ressalta que a escassez de dados meteorológicos não permite melhor análise.

A foto 39 representa uma paisagem do município de Caxias (MA). Segundo a autora, duas são as principais formações vegetais que podem ser encontradas no interior do estado do Maranhão: enquanto que a sua parte noroeste apresenta ainda características amazônicas, pela existência da floresta latifoliada equatorial ou de suas formações limítrofes de transição (inclusive babaquais), todo o resto do território acha-se em sua maior parte, ocupado pelos cerrados.

O sexto capítulo, “COMPLEXO DO PANTANAL”, apresenta a localização desta formação vegetal no Brasil em um mapa que é acompanhado por 5 fotografias de paisagens do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul.

A autora define o Pantanal como uma enorme depressão sob a forma de amplo anfiteatro, que se estende a oeste do rebordo do Planalto Central, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, cuja altitude média é de cerca de 100 m, drenada pelo rio Paraguai e afluentes, que inundam grande parte da área no período das cheias, o que não acontece apenas com cerca de 20% das suas terras, nas elevações dispersas, que não chegam a atingir dezenas de metros de diferença, mas que são conhecidas localmente como “cordilheiras”.

As fotos 40 e 41, entre Poconé e Cáceres (MT), representa a vegetação do Pantanal observada do alto, com árvores muito espaçadas, deixando visíveis entre si grandes áreas de solo dispondo apenas de uma cobertura herbácea.

As fotos 42, 43 e 44, do município de Corumbá (MS), representam as áreas mais baixas, periodicamente alagadas, que se caracterizam pela ocorrência de campos, com vegetação rasteira e raros arbustos esparsos, se contrapondo às áreas que não são atingidas pelas enchentes, por se acharem mais elevadas, onde predomina o cerrado. Através das fotos é possível identificar as lagoas existentes no Pantanal, localmente chamadas de “baías”.

No sétimo e último capítulo, “FORMAÇÕES LITORÂNEAS”, o conjunto das formações vegetais encontradas no litoral brasileiro, que forma uma faixa de largura variável, mas se estendendo ao longo de toda a orla costeira do país, desde o Amapá até o Rio Grande do Sul, está representado em um mapa e ilustrado através de 8 fotografias.

A autora afirma que em um litoral rochoso, por exemplo, o tipo de vegetação será bastante diverso daquele que predominará numa costa arenosa ou lodosa. Para os Geógrafos, os dois últimos é que apresentam um maior interesse, pela influência que exercem na paisagem.

A vegetação do litoral arenoso, sob diferentes formas, é a que predomina, em geral, na costa do Brasil. Sob uma forma mais singela se apresenta a vegetação das praias, a qual constitui o revestimento vegetal pioneiro das antedunas. Por trás das dunas, e nas áreas das restingas, aparece o tipo de vegetação denominado “jundu”. A autora chama atenção para a diferença entre restinga e jundu, afirmando que a restinga representa uma forma de relevo, enquanto que a vegetação que nela se desenvolve deve ser chamada de jundu.

As fotos 45 e 46 representam o jundu no município de Cabo Frio (RJ), que também está representado nas fotos 47 e 48, dos municípios de Jaguariúna (SC) e Itanhaém (SP), respectivamente. Já as fotos 49, do município de Cananéia (SP), 50 e 51, do município de Jaboatão dos Guararapes (PE), e 52, de São Luís (MA), representam os manguezais, formações predominantes dos litorais lodosos.

Ao final dos capítulos que estruturam o livro não é apresentada uma conclusão ou considerações finais. O fechamento do livro se dá com a elaboração de um “glossário dos científicos das plantas citadas”, tendo em vista que no corpo do livro se priorizou o uso dos nomes comuns das plantas, além de um “vocabulário” no qual se apresenta o significado de 18 verbetes que representam termos de cunho mais técnico e constituem palavras-chave para o entendimento das características vegetais do Brasil.

O texto é estruturado de forma bastante didática e, por isso, cumpre a proposta inicial da autora. Mesmo com o apelo didático e o uso de uma linguagem bastante simplificada, o livro se mostra extremamente relevante na formação do geógrafo, seja no bacharelado ou na licenciatura, e na formação de pesquisados de áreas afins, visto que reúne os principais aspectos da vegetação brasileira e contém as impressões pessoais da pesquisadora Dora de Amarante Romariz, uma profunda conhecedora da fitogeografia do Brasil, que fez parte do primeiro grupo de biogeógrafos do IBGE, na década de 1940, de onde se aposentou em 1972, passando a dedicar-se ao estudo da Biogeografia e a produção de livros.